

A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 10.—1916

23 de Fevereiro

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41-A a E—LISBOA

Propriedade de Armenio Monteiro

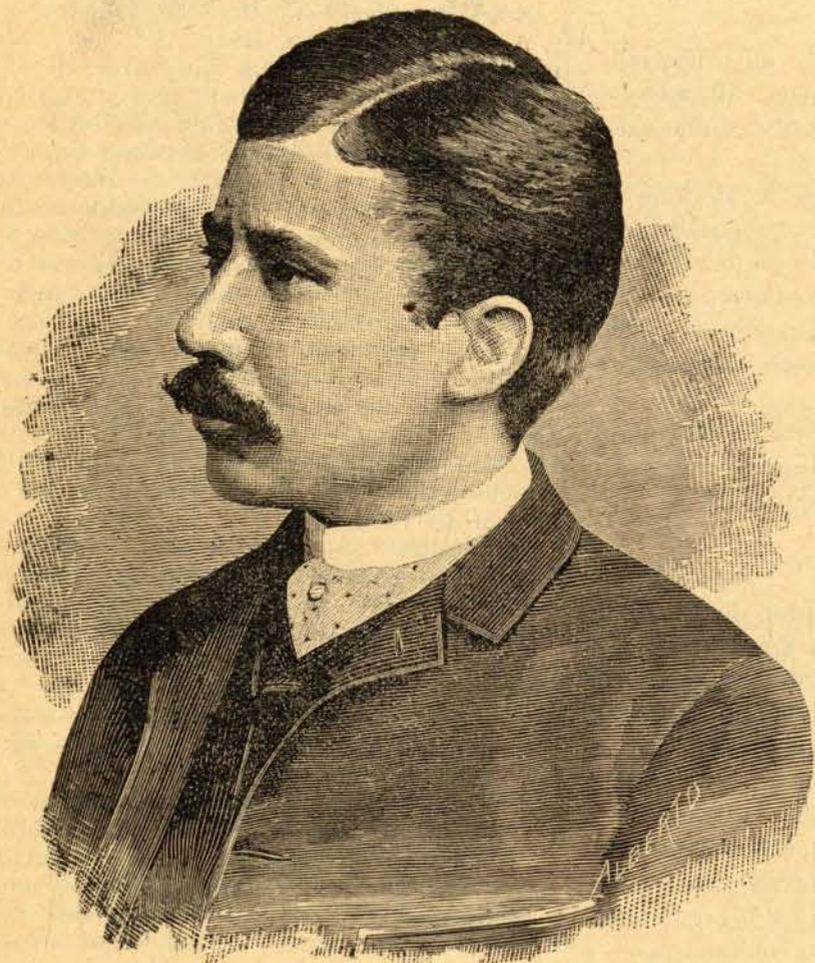
Toda a correspondencia para
os escriptorios provisorios

R. d'Alcantara, 41, 1.º E.

TELEPHONE 3362

Preço de assignatura: Serie de 25 numeros 500 réis para o continente, ilhas e ultramar. Extrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Acrescem as despesas de cobrança. Avulso 20 réis. Anuncios: Convencional, sendo permanente, não sendo 30 réis a linha, corpo 6, pagina dividida em 6 columnas.

Dois presidentes de Conselho de Ministros historicos



Conselheiro João Ferreira Franco Pinto Castello Branco, chefe do partido mais prestigioso da Monarchia, e presidente de conselho á data do regicidio. Vive hoje na sua casa do Alcaide affastado de toda a politica, cheio de saudades pelos Monarchas que a sua policia não soube deffender dos cannibaes á solta.



Ex-conselheiro Ferreira do Amaral, Almirante em que a senhora D. Amelia julgava encontrar a maxima lealdade e que logo de começo entregou a Camara Municipal aos republicanos.

E' hoje senador republicano e chamam-lhe—elles—a veneranda reliquia.

Questões partidarias

O MÊDO

Sabem os nossos leitores que uma das maiores doenças de que enferma o partido monarchico é o medo? Pois não haja duvida: os videirinhos e os medrosos monarchicos são os maiores sustentaculos da republica! Não é a formiga que por muito agarrada e não ter que perder, sustenta a republica—são os monarchicos commodistas, videirinhos e medrosos os seus *unicos grandes sustentaculos!* Que importavam hoje os discursos de Alexandre Braga, as tiradas dantonescas de Antonio Zé e as mentirolas de Affonso Costa, se os monarchicos não fossem medrosos e commodistas? Nada, absolutamente nada! O povo está desilludido e na maioria ancia pela mudança de regime, porque, diz elle na sua singeleza: na monarchia havia pão e havia trabalho, agora nem ha trabalho nem ha pão...

Sabem quem foi o grande elemento de propaganda republicana? A mulher, e a mulher hoje—odeia a republica porque o marido perdeu os laços que o prendiam ao lar pela Santa Religião, fez-se desordeiro, madraço e repontão...

Tudo quanto de bom a Igreja e o trabalho davam ao lar, a Republica com as suas doutrinas dissolventes, roubou-o.

Não ha ordem, não ha respeito, não ha disciplina social...

E o monarchico bastar-lhe-ia sahir a publico e confrontar factos para arranjar proselytos; bastava impôr-se pelo numero para fazer mudar grande parte da desordem existente.

O que faz o monarchico em favor da Causa que diz ser a sua e é, sem duvia, a da Patria?

*

A monarchia possui centenas e centenas de homens de alta cathogoria social, com nomes respeitaveis e conhecidos—onde estão? Nas linhas de combate ninguem os encontra, com rarissimas e honrosissimas excepções...

O medo é tal que muitos dos burguezes ou fidalgos não querem receber este jornal—por causa do titulo... Monarchico sim—mas de trazer por casa, ao chá e á bisca...

E os pequenos, os que pela fé e pureza do seu ideal se tem batido e continuam a bater, roubando o pão aos filhos e o bem estar ao lar—esses, coitados, abrem os olhos espantados e perguntam:—mas o sr. F. que tudo devia á monarchia não vem, não entra na liça?

O sr. F.!...

Pois porque tudo deveu á monarchia, porque ella o encheu de honrarias, o elevou e considerou é que o sr. F.... (que é uma legião), espera que Ella volte para

vestir a farda, pôr o espadim e... bater para as Necessidades a beijar a mão a El-Rei e depois... buscar a benesse!...

O sr. F.!...

*

A Religião é perseguida atrocemente:—fecham os templos, vendem as imagens, escarram nos symbolos, espezinham até onde é possível tudo quanto de bello para a alma nos legaram as gerações passadas, e os catholicos o que fazem?

Se são ricos vão para o estrangeiro; se remediados mettem-se em casa, e n'este artigo nem o pequeno tem buscado a desafrenta, o que é pasmoso!

Só ainda a mulher alguma coisa tem feito!

E o sr. F., juiz, mesario da irmandade, grande general de procissão, catholico militante de primeira cathogoria, onde está? O que faz?

Ou imita o sr. Catanho de Menezes fazendo-se republicano e livre-pensador, ou mette-se em casa, rasga a opa de seda e os livros divinos, e diz á creada que nas conversas com os fornecedores lhes vá dizendo—que o patrão já não crê na Bemaventurança do Ceo...

Vae gosando a da terra e a alma que o diabo a leve pouco lhe importa!

Mêdo, medo, tudo mêdo!

*

Palmella, o embaixador da liberdade d'este pobre paiz, luctou doidamente contra as vaidades e a cobardia dos grandes; cobardia vinda de tão alto que o proprio D. Pedro não foi o que deveria ter sido perante esse grande homem, esse grande amigo do seu paiz natal...

Os pequenos, aos milhares, acolhidos á bandeira liberal, aguentavam as grandes miserias do exilio, acoitados nos barracões de Plymouth, e D. Pedro sonhando com a noiva formosa que o seu pedestal lhe trazia, deixava que Palmella verdadeiramente na miseria, sujeitasse o seu nome e a sua honra ás contingencias d'uma possível revolução; e enquanto D. Pedro, no Rio, se banqueteava faustosamente, Palmella fugia de Londres, de noite, acoçado pelos credores, envergonhado de assim lhe deixarem entre as mãos vacias, a causa santa da liberdade!...

Venceu! Palmella foi a alma, o verbo, a encarnação da liberdade portugueza! D. Pedro tomou a gloria esculpida em marmore, mas não a esculpida na historia!

Palmella! Gloria ao grande portuguez!

*

Onde está o Palmella d'esta odissea moderna, contra a barbarie alcunhada de fra-

ternidade, contra a crapula coberta com a toalha da egualdade, contra esta liberdade que enche os carceres de cidadãos só porque não dizem *amen*, que expolia direitos adquiridos, que enxovalha a dignidade nacional offerecendo a nossa carne para pasto dos canhões allemães, e que faz o movimento communista do 14 de Maio?

Paiva Couceiro?

Armenio Monteiro.

P. S. Só por erro typographico o artigo anterior d'esta série não foi assignado.

Indisciplina Social

Na escala de todos os factores nocivos ao progresso de qualquer nacionalidade a indisciplina occupa um logar primacial. Sem disciplina é impossível uma perfeita organização social e um solido desenvolvimento progressivo de todos os ramos em que se manifesta a actividade humana.

A indisciplina que lavra na sociedade portugueza alcançou já tão grande desenvolvimento que não é facil prever as suas terriveis consequencias. Ella affectou todos os elementos d'ordem que existiam no paiz, não poupando na sua onda de dissolução o exercicio que, sem a base fundamental sobre que assenta a sua boa organização—a disciplina—, se torna o mais pernicioso elemento d'ordem social. São conclusões de bem dolorosa realidade a que, lançando a vista com intuito de observação sobre o vasto tablado da vida nacional, necessariamente somos obrigados a chegar e que preoccupam seriamente todos os espiritos illuminados do mais nobre sentimento patriotico e livres de qualquer obcecação partidaria.

Mas quaes são os motivos que justificam a radical transformação porque passou o povo portuguez nas suas peculiares qualidades outr'ora tão affectivas, pacificas e laboriosas? Como explicar o estado quasi anarchico em que se encontra?

Não é necessario ser perito em materia de psychologia social para, sem custo, descortinar as suas causas.

E' o producto resultante da acção dissolvente e dileteria da propaganda republicana feita pelos palradores dos comicios que aproveitavam a ingenuidade das multidões para as gloriosas adulações das suas perversas doutrinas; e pelos jornalistas baratos em cujas folhas expelliam as impurezas venenosas da sua alma que iam contagiar o cerebro debil do nosso povo, como o veneno da vibora infecciona as funcções vitales do camponez por ella surprehendido na sua somnolencia, deitado sobre a relva, a descansar das fadigas do seu mister, sob o affago acariciador dos raios solares!

Elles tiraram o trabalhador do campo da sua missão pacifica e productiva, que operava sob os luminosos clarões da natureza, para o levar para as trevas do crime; fizeram das officinas, onde a actividade dos operarios era aproveitada para o desenvolvimento das industrias nacionaes, laboratorios chimicos onde se manipulam bombas para saciar a fome do povo soberano. E isto em nome dos sagrados principios da Liberdade, Egualdade e Fraternidade?!

Que mentirosos, que hypocritas!!

Povo, já será tempo de despertares da lethargia profunda em que permaneces

para conheceres o abysmo para o qual caminhas a passos agigantados impellido pela tempestade de devastação que se implantou em Portugal com a proclamação d'este regimen. Ainda estás a tempo de arrepiar caminho e seguires por um outro, suave e rapido, que te conduza á felicidade e ao resurgimento d'esta querida Patria.

Joaquim Saraiva de Carvalho.

A Formiga

Não sabemos com que fundamento, diz-se para ahí que o sr. Alfredo Pinto, secretario particular do sr. governador civil é quem tudo lo manda. Que elle é secretario perpetuo não ha duvida, pois de mão em mão tem passado. Será elle de facto o governador civil?!

Crêmos não offender s. ex.ª dizendo que se encontra filiado na formiga branca, de parceria com Pinto Lima e Luiz Soares, o barrigudo deputado manqué...

Exploração do Porto de Lisboa

Com absoluto prejuizo commercial entregou o Estado a estes serviços todos os armazens aduaneiros que possuia e deixou-lhe estabelecer armazens especiaes em toda a zona de Santa Apollonia a Belem, forçando o commercio a pagar direitos de caes, armazenagem, etc., por preços que a Exploração estabelece e que o publico não conhece, pois do recibo que se entrega á parte foi essa tabella retirada.

Lucrou o Estado com o chamar a si esses importantissimos serviços?

Crêmos que não!

Converteram-se esses serviços em nichos para muita gente! Ha alli desde o official reformado de patente regular até ao revolucionario civil.

As receitas são grandes, mas as despesas de exploração quasi as absorvem, pois desde que os serviços passaram para o Estado o pessoal tem-se multiplicado assombrosamente.

Desejamos tratar este assumpto com a absoluta precisão e imparcialidade e por isso pedimos á Direcção da Exploração do Porto de Lisboa a fineza de nos enviar um exemplar dos seus relatorios de contas. Deve agradecer-lhe a luz!

Segundo nos consta só o sr. director recebe por mez em ordenado e percentagens quantia que não anda longe de um conto de réis!...

Comidos!

Ha dias andou á venda em Lisboa, uma carta aberta ao general Pimenta de Castro e ao grande senhor Affonso Costa. Logo que a policia soube mandou-a apprehender; o auctor ou editor ou lá o que era, porém, mais fino que a policia,—primeiro fôra vendel-a a Coimbra, Porto, e outras cidades, de forma que a policia... ficou comida!

QUERES DINHEIRO MUITO DINHEIRO?!...

IDE HABILITAR-VOS A' FELIZ CASA

GAMA

Antiga Casa MANAÇAS

Rua do Amparo, 49 Lisboa

Sempre Sortes Grandes!...

O povo não perdôa, Affonso!

Entre ti, Affonso, e Robespierre ou Saint-Just, não ha semelhança alguma, nem na tenacidade herculea do primeiro nem no spartanismo feroz do segundo. Robespierre, afóra a vaidade, a megalomania, a loucura homicida, foi—Incorruptivel. Tu és corrupto. Robespierre foi sóbrio, pauperrimo, casto. Saint-Just,—seu chanceller e o genio do Comité de Salvação Publica,—foi uma bella alma romana de patriota. Tu és aváro, endinheirado, impudico. A tua alma é de semita, curta, achatada, cega, incapaz de um grande sentimento. E alma cega, infima, troglodyta, não distingue nem a seduz o amor da patria. Não tens patria. Não tens patria como os hebreus, d'alma igual á tua,—alma sem virtude, alma sem sonho, alma tenebrosa onde o oiro rebrilha e a libra esterlina tilinta. Tu não tens patria, Affonso; até mesmo o destino implacavel, para bem marcar a tua indole de cigano nomada, ou para que mais tarde uma população honrada não houvesse que te desprezar ou engeitar, não te deu por persepe uma villa, ou aldeia, ou cidade: tanto que difficilmente poderá apurar-se onde nasceste. Aonde foi, Affonso? Ninguem o sabe. Os primeiros olhos que te viram foram os dos melros joviaes e negros. E por isso és tu melro, Affonso...

*

Judengo aváro, desalmado, cúprico,—vindo ao mundo mais talhado para algibebe que para doutor,—quiz o Demonio que um dia te encontrasses senhor feudal da nossa patria. Mal a apanhastes nas tuas garras de unhas recurvas, alçaste-a nos braços felpudos de beirão, e nervos fremisantes, olhos chispantes de luxuria e de cubiça, correte a violar o precioso fardo, em satyriase selvagem, sobre o balcão da tua casa de negocio. Que tesoiro virginal inegalavel! Que prodigio de belleza e de riqueza! Que magnificencia de formas, que marmoreo roseo de carnes exuberantes e divinas! Se fallava, os seus queixumes—eram diamantes do mais fino quilate; dos seios corriam dois rios de oiro liquido!... Que fortuna sem par! E assim te encontraste Affonso, senhor da mais linda patria do mundo, senhor de corpo e bens,—o que te tornava à *peu-près* um Rei da terra, com a esperança de haveres á mão mil vezes, ou mais, a fortuna de *Rockfole*.

Tu podias ter querido a Ella, por duas fórmas: amal-a e servil-a, como um nobre cavaleiro de outras éras; exploral-a e negociál-a como um mercador de escravos. Preferiste a segunda fórma. Queres-lhe muito? Não ha duvida... Mas queres-lhe como o cigano á melhor egua que traz á feira, queres-lhe como o avarento á mais sumptuosa joia, representativa de milhões. Não ha duvida que lhe queres, Affonso! Queres-lhe pelo interesse vil, pela cubiça sórdida, pelo que te pôde render no mercado mundial. Queres-lhe, para a trocar por moeda corrente, para a levar á feira, para a vender a quem mais der—que uma tão linda e gloriosa Escrava é cubiçada de ha muito pelos maiores senhores do orbe!...

*

Robespierre declarou um dia guerra á Europa, e lançou-se n'aquella lucta gigantesca, na convicção e no desejo ardente de

salvar a republica. Tu, Affonso, cuja fé republicana é uma mascara a occultar a face de algibebe, finges declarar guerra á Allemanha, fazer valer toda a tua fecundia de rábula forense, todo o teu servilismo reles de pé descalço encasacado, toda a tua baixeza de homem sem antepassados, sem crenças e sem Deus, junto da *impudica Albion*, na mira de que ella te cubra a ti e não deixe que te arrebatem o teu thesoiro...

E em troca d'essa *enganadora* protecção, estás commettendo um miseravel crime:—dás o que não é teu, dás o que não podes dar. Os diamantes que jorram dos labios, todo o oiro que muges do seio eburneo da Escrava, os alimentos que roubas ao seu sustento, o panno dos seus vestidos, as settas da sua aljava de Diana ousada e gentil,—tudo mandas de presente á Gran-Bretanha.—Ora aquelles diamantes e aquelle oiro (fóra a allegoria!) são nada menos que o pão, a carne e o vinho que tão descarovelmente e tão impunemente roubas á população do paiz: o panno dos seus vestidos,—o agazalho da sua nudez: as settas da sua aljava,—as armas com que correria a defender o seu torrão natal!

Para salvars a republica, ó monstro! compromettes a Patria; a Patria, feita escrava, está como refens nas tuas garras, desvalorizada, esqualida, nua. A quem mais der é que tu a venderás, quando a republica entrar na agonia. E' a tua egua de cigano, a tua joia de avarento. O ultimo acto da tua vida politica será um lance calabrez, um golpe theatral ultra-miseravel á capitão da Mão-negra, em grandes proporções. A seguir foges para o teu velhacouto na Suissa...

O povo portuguez, faminto e miseravel, tão barbaramente ludibriado e explorado por ti, odeia-te de morte; odeia-te, e nas suas horas amargas de eterna victima, olhando as tuas mãos sinistras de algóz e lendo no fundo da tua alma selvatica, a monstruosidade criminal que lá se alberga, segue os teus passos, hora a hora, vigia os teus movimentos, como se fôra a propria sombra do teu corpo de rabuzana beirão, feito senhor da sua Patria, e d'ella mercadejante, como se fôra—uma escrava!...

*

Um intenso e ardente amor da patria rutilava na alma de muitos dos caudilhos do 93. Dizer o contrario seria de um facciosismo estúpido. Robespierre, Desmoulin, Saint-Just. Houve grandes bandidos na Grande Revolução,—mas houve tambem grandes patriotas. O ultimo foi um modelo do mais acendrado patriotismo. Um dia disse na Convenção:—«No dia em que me convencer que não posso dar leis sabias, costumes austeros, justiça e virtude ao povo francez, que façam resurgir a França,—n'esse dia, apunhalo-me!» Não se apunhalou, mas morreu na guilhotina como um heroe.

Tu serias incapaz de proferir tão bella phrase Affonso, incapaz de tão spartano sacrificio. O teu republicanismo é—zero; o teu amor da patria é—o teu egoismo, a cupidez avára de montanhas de oiro reluzente. Tu nada dás ao povo—só lhe tiras. Apunhalares-te, para quê? Tu já não és d'este mundo. Estás morto e bem morto para a nação portugueza. Transformaste

Lisboa n'uma necrópole silente, por onde arrastas a mortalha de phantasma tumular. Vagabundas solitario na obsessão do crime que te escravisa o pensamento e te automatiza os musculos. Ha que commettel-o, pois commette-o: mas olha que o povo jamais perdoa!... e mesmo a Historia já te enforcou n'uma figueira, como Judas. —aquelle teu antigo irmão,— Affonso!...

A obra de França Borges trahida?

O "Mundo," faz a apologia da Monarchia

«N'este momento surgem grêves academicas em diversas cidades universitarias. Os estudantes entendem que devem impôr as suas razões; entendem os operarios que as suas razões devem impôr. Assiste-lhes justiça? Foi o que se não demonstrou ainda. Em tempos idos antes das grêves se declararem esgotavam-se todos os meios de persuasão. As commissões trabalhavam activamente para que o assumpto se resolvesse sem mais difficuldades. Era o processo logico. Agora não succede assim. Estudantes e operarios, sem saberem ao certo o que desejam, declaram as suas grêves ao primeiro signal, sem que previamente tratem de resolver com pacificação as suas questões urgentes. E' esse procedimento que eu considero indisciplina. Indisciplina sem nexa. Indisciplina a que não presidem principios philosophicos mas a simples desorientação de meia duzia de individuos audaciosos. Essa attitudo parece-nos que não dará vantagens a ninguem. Provoca victimas mas não redime. Desencadeia catastrophes mas não emancipa. Devora quantos se lançam n'esses movimentos mas não os educa.

*

Tenho para mim a convicção segura, bem assente, bem firmada que a Historia é grande mestre da vida. Se não admito como Vico a theoria da *retorno*—isso, de resto, não se presenciou ainda na Historia—convenço-me de que existem comparações extraordinarias. Ha factos que devem servir-nos de rigorosa licção. Um dos factos historicos que mais teem impressionado o meu espirito foi o da queda da Republica de 1848 em França. Realizada essa Republica com o desejo ardente de bem servir o povo, o proprio povo a matou por asfixia com as suas reclamações. A Republica tudo poz em pratica para servir os trabalhadores até ao ponto de se sacrificar com as officinas nacionaes. Todavia as exigencias d'esses trabalhadores foram tão grandes que deram pretexto ao miseravel Luiz Bonaparte para dar o seu golpe de Estado. E' o que eu desejo que não se dê em Portugal em nome de uma falsa disciplina.

(D'«O Mundo» de 21).

Não façamos commentarios. Ah! diz-se tudo, claramente, sem lhe faltar uma virgula. E' o principio da debandada...

Monarchicos pobres

O Sr. Dr. Martins Grillo, nosso amigo e annunciante d'este jornal, dá consultas gratis aos correligionarios pobres, todos os dias uteis das 2 ás 3 horas.

Este jornal está auctorizado por s. ex.ª a identificar o correligionario.

Echos & Commentarios

Tardio desmentido!

O governo enviou ha trez dias á imprensa, a seguinte nota officiosa:

«Foi ha pouco afirmado por alguns jornaes que três portuguezes teriam sido expulsos do ministerio da guerra ou do ministerio das munições de França. Pelas vias competentes, o governo portuguez pediu a esse respeito informações precisas. O ministerio dos negocios estrangeiros da França, ao qual este pedido foi submetido, desmente taes noticias em absoluto.

O caso pois, a que esses jornaes se referiram é absolutamente destituído de fundamento.»

Só agora! Não ha duvida que vem a tempo. Então só apoz mais de um mez, e talvez dois, que circulou a noticia do infame negocio de alta-traição, é que o ministerio dos estrangeiros francez desmente taes noticias em absoluto?...

E' unico! Mas quem acredita hoje em semelhante nota officiosa, que tanto tempo levou a engendrar?

A proposito:—tambem não foi verdade a historia do tal que fugiu com a mulher do outro e com o collar de perolas?

Venha, senhor Affonso, outra nota officiosa, com a breca! mas para rir, é claro.

Mais 4 cruzadores!

E dizem que não ha dinheiro... Mais 4 novos cruzadores que o governo vae adquirir! Sempre que nas altas regiões democraticas se trama algo de escuro, vem sempre á frente o balão de ensaio. Para que serviu a historia do emprestimo dos dez milhões de libras, que pelo silencio, parece que ficou em aguas de bacalhau? Agora a compra de quatro cruzadores...

O governo pode, em verdade, compral-os, mas nanja para nós... Haja em vista a compra do tal barco, em principio da guerra, que foi direitinho para os aliados... Haja em vista que foi uma quebra fraudalente de neutralidade, que poderia sahir-nos muito cara!

Deshumanidade

Ha dias, n'uma correspondencia do Porto, para o *Seculo*, conta-se a maneira como alli, em plena rua, foi subjugado um pobre louco. Primeiro *abafaram-lhe* a cabeça com um sobretudo; como o velho demente conseguisse safar-se, um civico sae-lhe á frente e *subjuga-o dando-lhe duas espadeiradas, uma na cabeça, outra n'um braço!*

Que deshumanidade! Estamos muito para lá da Abyssinia, não haja duvida... Fraternidade democratica, leitores!

Aprestos para o combate

D'esta vez é que o nosso grande Nelson, se decide á sua Trafalgar... Ora vejam:

«Foram postos novos numeros e distintivos nos navios da divisão a saber: Cruzadores «Vasco da Gama», «Almirante Reis» e «S. Gabriel»; contra-torpedeiros «Guadiana» e «Douro»; canhoneiras «Zaire» e «Lurio»; torpedeiros 2 e 3; respectivamente de dia as bandeiras 4, 5, 7, 8, 9, 0, 6, 2, e 3; de noite as letras d, c, q, u, y, p, g, b e s.»

4! 5! 7! 8! Em linha de combate! Y, P, G, S! A' direita... rodar!... Não tarda que vejamos o sr. Lette em... Berlim a prender, elle proprio, o Kaiser!

—4! 5! 7! 8!!!—Y! P! G! S!!!

Ah! grande Leotte!...

COIMBRA EM FRALDA

por

Armenio Monteiro

PEDIDOS A A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41—LISBOA

Como elles começaram!

Antonio Macieira—Alexandre Braga
Insultos — Vaías — Expulsões

VI

Vamos terminar hoje a apothose do sr. Alexandre Braga, a qual fizemos tendo por elemento constituinte a prosa excellente do seu particular amigo e collega Antonio Macieira.

Crêmos que este ultimo ficará tambem ás portas do capitolio, pois por certo os nossos benevolos leitores não esqueceram que:

Antonio Macieira foi expulso do grupo republicano por traidor, e Alexandre Braga da tuna academica por indigao.

São, pois, duas pessoas dignas de figurar entre a gente de cathogoria do partido democratico, bons e excellentes camaradas de Affonso Costa, Catanho de Menezes, João Chagas e *tutti quanti*...

«Que eu não còro, (falla Macieira) vomita (Alexandre Braga); elle só còra... por dentro quando bebe um almude.»

Eu podia apresentar mais calumnias, mais mentiras, mais falsidades, mais contradicções de que o vomitorio Palavras d'um resssuscitado está cheio, mas, para quê?

A alma penada não perde o véso, e toda a gente sabe de que raça são os ares de Catão com que ella se adargou, para me atacar.

Antes de cahir na tolice de julgar alguem que é honesto, faça suas as palavras de Camillo: «São leveiras de mais as minhas mãos para sustentar a balança dos julgamentos, cujo fiel, para obedecer ao ouro fio, releva que penda em dedos menos encodeados nas cenosidades dos vicios.»

*

Dizemos acima que o Dr. Antonio Macieira ficava ás portas do Capitolio.

Não queremos! Achamos pouco! Vamos fazel-o entrar n'essa mansão sagrada, embrulhado na sua these para assistente da faculdade de direito de Lisboa—concurso em que foi reprovado em toda a linha...

O arguente, senhor doutor Abranches Ferrão, entra assim com o sr. Macieira:—V. Ex.ª foi inteliz na sua these, pois começa logo por uma má traducção do francez... V. Ex.ª traduziu *bien de familles* por *bens de familia*, *phrase que tal não quer dizer!*...

Resposta do sr. Macieira:—A minha these foi feita no campo onde não tinha elementos de estudo...

Um ministro dos estrangeiros que não sabe traduzir francez!...

Ainda mais: ha dias transcrevemos (n.º 9 pag. 5) o que sua ex.ª disse sobre os navios allemães: *a sua opinião era que a posse dos barcos em nada alternava a nossa situação: nem eramos mais beligerantes nem menos beligerantes...*

A tomada dos barcos sem consentimento previo da nação proprietaria vê toda a gente que a não ser um acto de pura pirataria (e como tal punivel), era um acto de guerra, logo de beligerancia...

Pois o sr. Macieira tal não vê!...

E sabem a que grupo universitario de sciencias elle havia concorrido ficando chumbado?

Grupo de sciencias juridicas!

OLHA E!

A guerra agora, como um cylindro gigantesco, virá ao nosso encontro!

(Do discurso do sr. Leotte do Rego, em Coimbra, em 20 do corrente).

O governo tomou posse dos navios allemães e austriacos surtos em portos portuguezes.

Entrou no Capitolio. Ahi fica em exposição!

*

E ponto final!

A Companhia Nacional de Higiene tambem fabrica «saes de fructos», o facto de não os haver inglezes não impede os nossos leitores de limparem os intestinos, e se fôr purgante leve outro escolheram mais engerico.

Dos nossos correspondentes

Carcavellas Fervor e 1916. — Commissão de Assistencia aos Monarchicos pobres. Duas palavras sobre o assumpto. — Es á constituida segundo lemos uma ou mais comissões de assistencia aos monarchicos pobres, cuja iniciativa é digna dos melhores louvores. Rea mente torna se necessario que *alguem* olhe por esses dedicados defensores da Causa Monarchica que se veem a braços, alguns quasi com a miseria. Muito se tem feito mas é urgente fazer se mais e melhor. Mas o nosso intuito é outro. E vou expol-o em duas palavras. Ha monarchicos desempregados, todos os dias os jornaes ve m cheios de pedidos n'este sentido e doloroso é constatar que havendo inumeras empresas de monarchicos onde estes tem esciptorios e outros modos de vida, se veem peçadas de empregados com praça assente nos arraaes demagogicos e que nas revoluções se veem nas ruas pedindo as cabeças dos monarchicos. Pois é preciso sair se d'esse comodismo ou por outra d'essa prova da mais r. quintada cobardia na guerra como na guerra. Quereis os com isto dizer que se tir o pão a quem o tem? Não. Mas não é justo que os monarchicos arrastem por essas ruas a sua pobreza enquanto que autenticos formigas auferem de monarchicos ricos os seus largos proventos com que crism forças para agredirem esses mesmos monarchicos. E de quem é a culpa? Não temos duvida em o dizer; dos mesmos monarchicos ricos e que explor m industrias. Quantos exemplos se podia apontar? Ahi vão estes por exemplos. Ha proximo de onde eu resido um barbeiro que poz por debaixo de um capacho uma corôa real e cruxifixo desenhado. Qualquer freguez ao entrar esfrega os pés no capacho e por consequencia em cima d'aquelles symbolos. Pois esse barbeiro ganha dinheiro n'uma casa de sentimentos religiosos. E' o barbeiro do sanatorio Sant Anna. Num animatografo d'esta linha, propriedade dum monarchico, todos os empregados são autenticos formigas. E como estes quantos? Os monarchicos precisam de pão, mas alguns ha que de melhor grado acceptariam Trabalho. Que aquelles que lho podem dar, se lembrem dos que precisam e assim será a melhor Assistencia aos Monarchicos Pobres.

M. A. Oliveira.

Mourisca, 21. — Regressou a Rio Grande do Sul (Brazil), d'onde tinha vindo visitar a sua familia, o nosso presado Amigo sr. Julio H. Carvalho. Que tenha uma feliz viagem, são os nossos votos.

— Parte brevemente para Pernambuco o nosso presado amigo e correligionario, sr. João Carlos Coelho onde é socio d'uma importante casa commercial que gira sob a firma — J. Coelho & C.

— Foi aqui lido com grande avidez o trecho do livro do general Pimenta de Castro, que *CA Monarchia* transcreveu.

C.

P. S.—Aos nossos correspondentes pedimos o favor de mandarem as suas correspondencias por fórma a estarem aqui na vespera da sahida do jornal, de manhã.

Os barcos allemães

As naus dos Quintos

São sempre tão tenebrosos os processos dos governos republicanos, principalmente dos democraticos, que não é assim á primeira vista que se pôde formar conceito dos seus actos.

A apropriação dos barcos allemães, levada a cabo com tanta pompa festiva (não confundir com gallardia bélica) pelo sr. Leotte do Rego, está n'estes casos. De feito, como é que nós havemos de ajuizar dos resultados d'esta *manobra naval*, se os factores que a precederam e as declarações ministeriaes se degladiam em transparente contradicção?

Que a apropriação e utilização dos barcos allemães obedece a uma das bases da lei sobre subsistencias... E nós estamos já d'aqui a ver os 37 barcos fazerem-se ao mar em demanda dos grandes emporios do mundo e voltarem ajuizados de cargas magnificas,—quaes novas Naus dos Quintos!—afim de abastecer as industrias quasi mortas e as populações esfomeadas. Não mais faltará o pão, a carne, o bacalhau, os cereaes, os legumes; o governo fará os seus transportes gratuitos; as alfandegas isental-os-hão de direitos; e assim d'esta feita, fica o governo habilitado a cumprir a sua antiga promessa comiceira do bacalhau a tres vintens e da carne a quatro!...

Mas já a desesperançar-nos de este Eldorado de ventura, temos presente que o governo continua, qual Cresus fabuloso, a atirar de mãos-rotas para os alliados toda a producção bovina, lanigera e suina do paiz; sahem manadas de muares; vae-se o peixe; as farinhas e os assucares deapparecem como por encanto. E assim ficamos já na duvida de que a utilização dos navios seja uma medida, como afirmam, de salvação publica, de beneficio para o povo portuguez na angustiosa crise que atravessa, mas sim de beneficio para os *extranhos*, que até á data tem sido os protegidos da republica... para não dizer—os donos d'ella.

*

O acto de apropriação dos navios será tomado como um acto de hostilidade pelos governos da Allemanha e Austria? E, como vêem, este o aspecto melindrosissimo da questão, pois que semelhante resolução, não sendo devidamente tomada com bases de justiça e empenho de honra, só de um governo de ineptos, de loucos ou de traidores.

Entrevistado ha dias o embaixador allemão, sr. Rosen, sobre o assumpto, declarou peremptoriamente:

— Não posso deixar de não considerar essa medida como um acto de hostilidade ao meu paiz. Espero, contudo, que o governo portuguez reflita no passo grave que vae dar.

O governo reflectiu? Assim parece... ou não parece.

Pelas declarações do presidente do ministerio e do ministro dos estrangeiros, a seguir ao acto da posse, quasi se conclue que houve um entendimento com a Allemanha, e se de facto houve entendimento com *clausulas de tratado em que de certo não pôde haver prujizo para esse paiz belligerante*, o que dirá a isso a Gran-Bretanha, pois que dada esta hypothese estaria quebrada de facto a alliança anglo-lusa.

Entre outras declarações diz o presidente de ministros:

—«Fizemos o que fez a Italia e dando até mais garantias... Para o governo allemão não linhamos outra coisa mais a fazer alem do que já fizemos. E deixe-me acrescentar ainda: *as coisas estão feitas por forma que, d'ellas não poderá resultar qualquer difficuldade justa...*»

E o ministro dos estrangeiros:

—«O governo entendeu que os devia tomar em conjuncto, *afim mesmo de os preservar de qualquer acto que qualquer mal intencionado porventura pensasse em praticar*. Não é uma novidade a que lhe dou, pois sabe que se fallava para ahi em que a alguns fallavam diversas peças, que outros seriam inavegaveis, enfim, muitas outras atoardas».

Recapitulando: *as coisas estão feitas de forma a não resultar difficuldade*. Logo houve entendimento anterior com a Allemanha. Entendimento amigavel que só poderia ser levado a cabo, isto é logico, se o governo Affonso Costa se houvesse penitenciado e pedido perdão, dos escandalosos auxilios de armas, munições e mantimentos feitos á sua maior adversaria. Decerto que a Allemanha não iria ceder tantos navios ao paiz auxiliador da Gran-Bretanha, para que contra esse paiz se voltassem como arma de guerra!

Temos que concluir de tudo isto que foi rota a alliança anglo-affonsina...

*

Mas se a apropriação assim foi feita á boa paz e por tratado amigavel, como é que o governo nomeou seu delegado para o acto de posse o Almirante Leotte, provo-

Sóbe a maré

Em Paris não ha harmonia entre os dirigentes do paiz. E' vêr esta amostra do que dizem os jornaes:

L'Éclair: — a idea da dictadura fluctua na athmosphera ...

Le Figaro: — Pede que se feche o parlamento por contraproducente com a actual situação do paiz.

Le Rappel: — Soou a hora de constituir um comité de salvação publica.

Le Radical: — reclama um governo que governe.

L'Homme Éclairé: — espera um golpe d'Estado.

La République Française: — aconselha que se não julgue a França pelas suas camaras.

E o que ha? Um escandalo com o fornecimento do carvão ao exercito, a sommar. Um deputado que grita contra a independencia do alto commando. E a novidade, a grande novidade, de que junto do alto commando appareceram já os delegados civis como no tempo da revolução ...

Ça marche... et va vite!...

Rocha Zarpeia

Os que fugiram pela codea:

Umeida Ribeiro, ministro do interior da republica e condecorado pela monarchia.

Julio Dantas, medico. D'antes panegyrista realengo, hoje jacobino — façanhudo.

Se os tempos mudarem... talvez mude!

Batalha de Freitas, ministro da republica na China, e actual chefe de protocollo do neo-imperio chinês. Pau para toda a colher.

Visconde da Ribeira Brava, bravo companheiro do sr. José d'Alpoim e outros, na dissidencia progressista.

Conselheiro Manuel dos Santos, actual administrador geral das Alfandegas.

Ultima hora

De fonte auctorizada, acabamos de ser informados de que o Ministro da Allemanha, sr. Barão de Rosen, se prepara para abandonar a capital portugueza.

Tambem se afirma já de que os barcos allemães appropriados pela republica, em nome da salvação publica, em vez de serem utilizados, conforme o decreto, para fins economicos, são destinados a formar uma divisão auxiliar, sob o commando do sr. Leotte do Rego.

Já foram entregues todos os protestos dos officiaes allemães, na ausencia dos commandantes, em que lavram que o acto da posse pela marinha portugueza foi violento, que foram colhidos de surpresa e que tornavam o governo portuguez responsavel por esse acto.



Toda a gente sabe como são feitas a maior parte das entrevistas jornalisticas. O entrevistado escreve a seu bello prazer e no remanso da sua casa a entrevista. Escolhe os termos, escolhe as perguntas em harmonia com as respostas que pretende dar, burilla, revê, completa...

Pois O Paiz tem publicado umas "entrevistas", com o deputado evolucionista sr. dr. Antonio Portugal que diz ser uma competencia excepcional em materia de subsistencias, que é como quem diz de fomento...

E na entrevista publicada em 19 do corrente sãe-se essa competencia com estas afirmações:

— E qual é o meio que v. ex.ª aconselharia para acabar com a especulação dos açambarcadores?

Facilissimo: só de energia e independencia se precisaria: tornar a venda obrigatoria e marcar ao mesmo tempo o limite maximo porque todos e cada um dos generos se poderiam adquirir.

— E a crise attenuar se-hia por esta fórmula?
— Não lhe rest. duvida. E não vej. n'isto qualquer violencia e, ant s, o cumprimento de leis existentes e não revogadas, que tal aucto isam.

Viram?! Leis existentes e não revogadas.

O que diabo serão leis existentes revogadas?

Depois aquella formula energica: tornar a venda obrigatoria e marcar ao mesmo tempo o limite maximo porque todos e cada um dos generos se poderiam adquirir.

Preço porque poderia adquirir todos e cada um(!?) dos generos, quem? O açambarcador?

Quiz dizer Amor e não soube!...

Pois era facil tratava-se de venda, o preço seria de venda e não de compra...

Noutro ponto afirma o illustre competente:

— Lucta se em Lisboa e já tambem na provincia com falta de carne e o governo o que faz para a debelar? — consente na exportação para Gibraltar de 70 cabeças de gado bovino semanalmente. Os hespanhoes accorrendo ás nossas feiras comp am por preços elevadissimos rebanhos completos de gado lanigero, de porcos e do mais que apparecer. e com tanta facilidade conseguem introduzir os no seu Reino que não me consta que apprehensões importantes tenha havido por parte da guarda fiscal que guarnece a fronteira.

Toda a gente sabe isto e o remedio que S. ex.ª aponta — a prohibição — tem-o proclamado alto a sabedoria do homem do chi-guiço, alli da esquina ...

Consentir... prohibir .. como é facil dizel-o!...

Este sr. Affonso se não existisse era preciso invental-o! Lêam e pasmem:

Affonso Costa (com desvanecimento): No tempo em que eu e outros caudilhos republicanos eramos deputados dentro do parlamento monarchico, podia algum não ser orador fluente, mas eramos todos estudiosos e apreciavamos as questões que lá se debatiam com sciencia e com consciencia.

Germano Martins (estairado e com um forte sotaque portuense) Apoiado.

Affonso Costa (desdenhoso): Hoje, não succede isso. (Desafiando): Diga-m-me, se entré os que me escutam, algum ha que tenha tratado de qualquer questão com consciencia e com sciencia. (Abatido): Limitam-se a apresentar simples projecticulos que os não immortalizam...

A Opinião garante que isto se passou n'uma reunião de ha dias, do grupo republicano democratico em que se discutiu — a expulsão da formiga!

A segunda parte é absolutamente verdadeira: — tudo com pouco valor e probidade scientifica; mas... e aquelle discurso do banquete Alexandre Braga?!...

Decididamente o homem está doido!

*

Porque seria que o revolucionario Dias do Carmo, a áres no Limoeiro, como paga dos seus trabalhos para o 14 de Maio, não continuou os seus libellos tremendos contra os seus partidarios... Mudou de opinião?

Recebeu a Liberdade e os contos de reis?!...

*

Diz-se para ahi que vae ser adquirida por um titular muito conhecido a propriedade do jornal O Mundo.

Mais se diz que essa compra obedece ao fim pessoal de evitar uma campanha contra determinados proprietarios d'uma colonia nossa...

Seja como fôr: — quem faz um bom negocio são os herdeiros de França Borges... A popularidade vae n'uma tal progressão negativa que lá para o fim do anno deo o jornal ter nas ruas a venda que tinha o fallecido Povo — uns cento e cinquenta exemplares...

Nos tempos aureos da propaganda chegou a tirar 75.000 exemplares; neste momento a tiragem está em... 8.000 ex.!

*

Já neste jornal se disse que eram mau presagio para a liberdade do parceiro os convites e affectos da presidencia. Dois protegidos deram com os ossos na cadeia a breve trecho.

E' sobre um d'elles o seguinte trecho d'uma carta publicada n'O Paiz:

O Sr. Presidente da Republica mandou um seu delegado dizer á viuva de (Bartholomeu Constantino) que a protegeria.

Pois até á data a protecção que lhe dispensaram foi te-la dois dias presa n'um immundo calabouço do governo civil.

Pela Comissão — Antonio Ferreira Cléto

Livre-nos Deus de tal protecção!

*

Alberto Costa, o Pad-Zé, republicano que se suicidou ha já muito, sendo advogado de defeza de um ébrio, interrogava assim uma testemunha:

— O meu constituinte cahia?

— Não, senhor!

— Batia em alguém?

— Não senhor!

— Dava vivas ao senhor Affonso Costa?

— Não, senhor!

— Então não estava bebado! concluiu, contente!...

Isto vem contadinho, no livro do nosso correligionario Rocha Martins — D. Manuel II — de que sahio o primeiro tomo.

Comprem que vale a pena!

Mac.

Nos nossos leitores

Quando se estavam deitando na machina as paginas do jornal uma impastelou-se pelo que teve que sair atrazado este numero, do que pedimos desculpa,

cador da Allemanha, prégador do odio contra esse paiz, grande cantor da guerra á outrance, que tres dias antes, em Coimbra, lançou ás turbas a necessidade de participarmos no extermínio do povo teutonico,—onde por signal disse n'um gesto de satisfação e de triumpho:

—A guerra agora, como um cylindro gigantesco, virá ao nosso encontro!

Se não fossem as declarações do governo, nós até creríamos que o grande Leotte proferira aquella phrase com a convicção de que o acto da apropriação dos navios, seria o rompimento propositado das hostilidades para o tal cylindro gigantesco vir ao nosso encontro!

...Que assim mesmo, afinal, pela alta situação que o grande Almirante occupa ficamos na duvida se havemos de aceitar como verdadeiras as proposições do sr. Leotte se as declarações dos dois ministros...

Esta questão das Náus dos Quintos ainda nos vae dar grandes surpresas e talvez... terríveis. E sobre o lado de salvação publica, da extinção da crise de subsistencias pelas fabulosas cargas de mantimentos que irão buscar por mares nunca dantes navegados, ó povo! parece-nos que podes continuar ficando no Caes das Columnas e no Alto de S.^{ta} Catharina a... ver navios por um oculo!...

Cartas a Faustino Polycarpo Thimoteo

Meu illustre ex-administrador de Torres Vedras.

Como todo o cidadão, que se preza, tenho desejo de me notabilisar por qualquer cousa, e desde que se me meteu na pinha a ideia de ser um grande homem, tenho matulado dia e noite na maneira de o conseguir.

Pensei em escrever ao Urbano Rodrigues, que é luminar n'esta nossa terra, mas como elle agora, desde que tem assento nas altas cadeiras de S. Bento, está menos accessivel a um pobre mortal, desisti do meu intento.

Lembrei-me depois do regedor de Palla, que é homem conhecido como perito em coisas de escripturação official, porém, logo me arrependi, porque elle desistiu, pelo que penso, da sua carreira diplomatica, encetada com tão felizes auspicios. Nunca mais ouvi fallar de semelhante creatura!

Sabe-me você, por acaso, dizer o que é feito d'elle?

Os grandes luminares da nossa terra conhecem-se e são amigos; com certeza o meu sympathico Thimoteo não recusa dar-me as necessarias informações á seu respeito.

Olhe que eu desejo tornar-me evidente, e tenho cá o meu plano. Sabe qual é? Aposto em como não advinha. De um modo muito simples, relacionando-me com todos os homens notaveis do meu paiz.

Veja que me não esqueci d'aquelle anexam conhecido:—*Chega-te aos bons e serás um d'elles.* Ou então d'este outro: *Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens.*

Com a sua alta benevolencia já eu conto, e você é uma das maiores capacidades politicas, e... porque não direi, até litterarias.

Conheço uma carta escripta pelo meu sympathico Polycarpo, a um prior, que nós sabemos, que é um bijou.

Portanto, da convivencia com tão illus-

tre individualidade é que eu não desisto, seu Faustino.

Como poderei ser grande, se não me agarrar, com unhas e dentes, a cidadãos illustres como você e o regedor a que me reporto?

Não, quero começar por aqui a minha ascensão, aos pinaculos da celebridade.

Estou convencido de que o Urbano não começou melhor, e elle hoje é um rapaz todo lirado das canellas.

Bem, mande-me na volta do correio noticias do homem, que eu prometto trazer-o dia a dia, informado da alta politica da nossa patria.

Sobre politica sou um barra, você verá! Actualmente não estou lá muito contente com o Affonso, porque oiço dizer que elle, a convite do ministro d'Hespanha, está disposto a ir beijar o anel ao Bispo de Tuy.

Está-se-me a fazer um grande thalassão o Affonsinho... Mas em compensação temos o Leotte, que vae, segundo tambem já me contaram, apossar se de todos os navios allemães, que estão alli parados no Tejo.

Aquelle sim, aquelle é que me enche as medidas!!!

Em Portugal só ha tres patriotas a valer:—eu, você e o Leotte.

Quem anda fulo com tudo isto é a thalassaria.

Que se arranhe!...

É que me diz você áquelles demonios da estudantada?

Estão a pedir gato de sete rabos. Com que ousadia elles se atrevem a escrever ao presidente, Bernardino, n'um telegramma, a lembrar-lhe cousas tristes d'outros tempos!

O que lhes vale, a elles, é serem mais unidos do que nós. Aquillo são levadinhos da breca, parece mesmo que recebem lições dos reaccionarios.

O que um quer querem todos os outros. Oiço dizer que tem razão, mas o Affonso agora é que já lh'a não acha...

E julgo que até mesmo o nosso presidente Bernardino não está nada contente.

Ainda não estudei bem o caso, e custa-me a comprehender porque elles, outr'ora tanto gostavam dos rapazes, e agora os aborrecem.

Vou applicar toda a minha attenção ao assumpto, e depois lhe direi o que sobre elle penso.

Por hoje nada mais.

Espero noticias suas e informações do regedor.

Sem mais seu admirador

23—2—916.

Agapito Ximenes.

D. MANUEL II

No proximo numero extractaremos do livro do nosso presado correligionario e amigo Rocha Martins, um bocadinho da acção do partido dissidente na queda da Monarchia.

MARTINS GRILLO

Medico-Especialista

Doenças e hygiene da PELLE

Syphilis, vias urinarias e clinica geral

TRATAMENTO ESPECIAL DAS PURGAÇÕES

Consultas diarias das 2 ás 6 da tarde

Rua do Ouro, 292, 2.º, D.º — Telephone 3835

Residencia: Avenida Prata da Victoria, 42, r/c.

Lá por fóra

Echos da Guerra — Diversos

O bloqueio

No dia 14 reuniram-se em Londres grande numero de armadores, banqueiros e negociantes de todas as facções politicas que por unanimidade votaram a seguinte moção:

«Esta reunião expressa as graves inquietações que nos assaltam ao comprovar a enorme quantidade de material e mercadorias que recebe o inimigo pelo mar do norte e chama sobre esse facto a attenção do governo para que, emquanto dure a guerra, faça uso de um modo mais completo e efficaz do poder naval britannico».

Aqui está o que dá o terrivel bloqueio!...

O conselho dos aliados

O accordo geral dos aliados fez-se nas seguintes bases:

O conselho dos aliados reunir-se-ha periodicamente; cada reunião durará dez dias. Remetterá a cada governo os temas discutidos. Se houver necessidade de começar alguma nova empreza os representantes dos governos reunir-se-hão discutindo e decidindo rapidamente, tendo um ponto de vista commum; a unidade e direcção de execução fica a cargo do Supremo Conselho Militar.

A Suecia

A Inglaterra apresou um vapor correio sueco, levando-o a porto inglez para fiscalização de correspondencia. A Suecia como represalia deteve os paquetes postaes que com destino a Inglaterra passavam pelas suas aguas jurisdiccionaes.

E' o começo?

Um couraçado unico!

A Revista Maritima de Roma, diz que n'um arsenal allemão se está construindo um couraçado insubmergivel, com três couraços e tendo o espaço entre ellas cheio com uma substancia desconhecida e que impedirá o barco de se submergir...

Se fôr verdade...

Zeppelin

Dois abateram ultimamente os francezes, dentro do seu territorio morrendo as tripulações.

O advogado Leon Theodor

O collegio dos advogados do tribunal de apelação de Paris, solicitou do Rei de Hespanha a sua alta protecção para o advogado belga Mr. Léon Theodor, decano dos advogados de Bruxellas, preso na Allemanha.

Sua Magestade dignou-se interceder para que o velho advogado fosse solto sob a condição unica de não voltar a Bruxellas.

Crise papelera

Em Hespanha, sem auxilio do governo, foi remediada quanto possivel a crise do papel por falta de pasta.

A Companhia Transatlantica Hespanhola tomou o compromisso de transportar do Canadá toda a pasta ao frete que o governo fixar. A Companhia Papeleira Hespanhola tomou o compromisso de não augmentar a nenhum jornal o preço do papel alem do que estipular o arbitro nomeado; e ainda que reduzirá esse preço em 35 por cento aos periodicos que lhe garantam o fornecimento por certo numero de annos a estipular, obrigando-se ella a que o preço maximo d'esses contractos seja o preço do papel estrangeiro, posto no molhe espanhol, com o augmento de oito pesetas por cem kilos.

As conferencias patrioticas da série "Vasco da Gama,"

TEMPOS IDOS — REMEMBRANÇA



Hoje, ao iniciar-se na Liga Naval Portuguesa a primeira série de conferencias patrioticas entendo, na minha qualidade de presidente do Conselho Regional de Lisboa, dever lembrar que, sob proposta d'um dos mais distinctos vogaes d'este Conselho, o sr. dr. Fernando Pizarro de Sampaio e Mello, foi deliberado tomar-se a iniciativa de se levantar em Lisboa uma estatua a Vasco da Gama a quem

El-Rei D. Manuel I chamara para commandar a esquadra que enviava em descobrimento da India, e a quem Portugal deve a immorredora gloria de levar a cabo essa grande empreza — o descobrimento do caminho maritimo para a India — a que os portuguezes não cessavam de aspirar, desde que o Infante D. Henrique os lançara na senda aventureira das navegações e dos descobrimentos.

Era mister porem, ao procurar levar-se por diante uma pro-

posta, como esta, de tanta magnitude, que as licções do passado, que são sempre e em todas e quaesquer circumstancias um grande exemplo e incitação ás nossas forças vivas e estímulos nacionaes, fossem previamente debuxadas; era mister fazer reviver as nossas chronicas maritimas, a historia das nossas façanhas, a grandeza d'esses homens de outr'ora, os feitos heroicos dos nossos avós, n'uma palavra, tudo quanto se julgasse opportuno para engrandecer aos olhos dos presentes, e quiçá dos vindouros, essa epocha memoravel da historia de Portugal, iniciada pelas rijas espadas do Mestre de Aviz e de Nun'Alvares e fechada com o descobrimento do caminho maritimo da India. E assim, hoje Almeida Braga, e amanhã Anselmo Vieira, Alfredo Pimenta, Antonio Sardinha e outros, virão aqui, com mãos de mestres, em conferencias d'um alto valor intellectual, tratar em geral da nossa odyssea maritima e em especial de Vasco da Gama, d'esse

.....illustre Gama

Que para si de Eneas toma a fama

Lusiadas. C. I, XII,

apreciando quer aquella quer este sob diversos pontos de vista.

(Continúa).

Jayme Forjaz de Serpa Pimentel.

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'A'lcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possue machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

E muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheia,

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pessoal que vae a casa dos clientes